

delphica

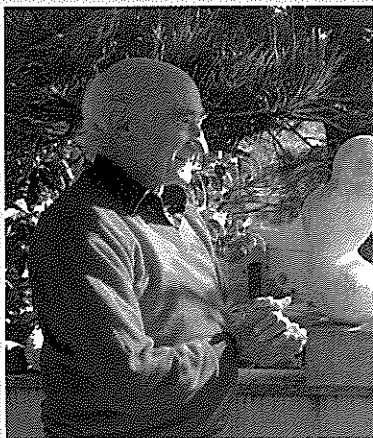
letras & artes



M&R DAY

2

OS ARCANOS DA ALMA OU O FIM DA ARTE MODERNA



Para um estudo sobre Cruzeiro Seixas

As possibilidades do surrealismo são infinitas e não se confundem com as da arte. Enquanto a arte é uma matéria que envelhece, e renasce para de novo perecer, até se esgotar, como parece estar a suceder com a industrialização em massa de tudo que se nomeia como cultura dita artística ou literária, o surrealismo é a própria alma da criação, sempre viva, nas suas infinitas metamorfoses e imagens.

Parecem por isso errar aqueles que pretendem prender o surrealismo a uma época, a uma escola, a uma missão, a um grupo, a uma tarefa, a uma circunstância, a uma estética, a um código ou a qualquer outra matéria inscrita no espaço e no tempo. Não se desmente que o surrealismo tenha encontrado no seu movimento fixações corpóreas, coagulações visíveis, que fazem dele um fragmento estético ou até um tique de escola, mas o próprio do surrealismo, ou ao menos daquilo que parece ser a sua essência, a surrealidade, é ser de sempre e de nunca, numa volatilidade que se torna no segredo mesmo da sua permanência.

Quando falamos de surrealismo, ou de surrealidade, estamos a falar da realidade mesma do espírito, quer dizer, daquilo que, por presença infável e visível ausência, está e não está, nada menos do que esse esplendor que cega e essa cegueira que ilumina, essa luz negra que tudo suporta e nada tolera.

